

LEITORAS E MEMÓRIAS FEMINISTAS: RESSONÂNCIAS DAS LEITURAS NO BRASIL E ARGENTINA (1964–1985).

JOANA VIEIRA BORGES (UFSC).

Resumo

Os anos de 1964 a 1985 foram expressivos na história dos movimentos feministas brasileiros e argentinos, uma vez que representam o período das ditaduras militares vivenciadas de maneiras e em tempos diferenciados em cada um desses países: Brasil (1964–1985) e Argentina (os golpes se deram em 1966 e 1976, e as redemocratizações em 1973 e 1983, respectivamente). Neste período, os movimentos sociais latino-americanos sofreram as pressões exercidas pelos regimes de perseguições, prisões, torturas, e censura. Assim, por força de um contexto repressivo, as atuações dos movimentos feministas combinaram muitas vezes a atuação da militância política contra os regimes militares e as reivindicações aos direitos humanos. Partindo desse contexto, esta comunicação pretende analisar memórias de feministas brasileiras e argentinas sobre suas leituras buscando compreender quais obras circulavam nesses países, como foram lidas nessas circunstâncias, e quais os impactos que produziram na constituição dos movimentos. Através das memórias de leituras, informadas em entrevistas, procuro então perceber as ressonâncias das leituras feministas não apenas na construção dos movimentos como também nas identificações pessoais desta geração de leitoras com os feminismos. Percebendo a operação de construção de sentido efetuada na leitura como um processo historicamente determinado, que varia de acordo com o lugar, o tempo, e os grupos sociais, torna-se possível de ser escrita a história de gerações através daquelas que foram as suas leituras.

Palavras-chave:

leitura, memória, feminismos.

No período que compreende as décadas de 1960, 70 e 80, os movimentos feministas ao redor do mundo se manifestaram de diferentes formas, em suas trajetórias e temporalidades, e marcaram a “Segunda Onda” feminista[1], reconhecida por reivindicações de direitos ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado. No caso latino-americano, os movimentos incluíram ainda as manifestações contra os regimes de perseguições, prisões, torturas, desaparecimentos, e censuras, promovidos pelas ditaduras militares[2].

Minha aproximação com o tema das práticas de leitura se dá na busca de compreender um período específico da história dos feminismos latino-americanos por meio das leituras realizadas por uma geração de feministas, brasileiras e argentinas. Procuro perceber a importância das leituras feministas na constituição dos movimentos e nas identificações pessoais com os feminismos nesses contextos de mobilização política.

Através de entrevistas realizadas recentemente pelo projeto de pesquisa *Cone Sul: ditaduras, gênero e feminismos (1960-1990)* [3], coordenado Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro, e do qual faço parte, o que procuro perceber são as ressonâncias das leituras nas narrativas: quais leituras estão sendo lembradas e por quais razões; que sentidos foram construídos pelas leitoras; em que momento realizaram as leituras; como tiveram acesso aos textos e livros; entre outras questões.

Diante de um acervo composto por 37 entrevistas realizadas com feministas brasileiras e 14 argentinas selecionei para esta apresentação uma entrevista que ilustra um pouco da pesquisa que venho fazendo com as demais, e que funcionará como a narrativa central[4]. A partir dessa entrevista procuro levantar algumas reflexões pertinentes à história da leitura e confrontá-las com elementos de outras entrevistas, a fim de compreender um momento na história dos movimentos feministas de Brasil e Argentina através das memórias de leituras.

Mirta Henault[5], feminista argentina nascida em Buenos Aires na década de 1930, será a leitora central desta breve análise. Ela narra em sua entrevista que teve sua identificação com o feminismo entre os anos 1970 e 1980. Militante trotskista em fins dos anos 1960, conta que um colega lhe pediu para que traduzisse *Mulheres: A revolução mais longa* [6], da feminista inglesa Juliet Mitchell, e que este texto teria lhe despertado a identificação com a causa feminista nos anos de 1970. Segundo Mirta, aconteceu uma "identificação súbita" com os escritos da autora, "assim da manhã para a noite", como se ela tivesse levantado pela manhã marxista e ido dormir uma feminista. Podemos acreditar, e veremos adiante, que essa identificação provavelmente se deu tanto por leituras que Mirta tenha feito anteriormente e/ou até mesmo por sua carga de experiências de vida tanto individuais quanto coletivas.

Havia naquela época, para algumas das brasileiras e argentinas entrevistadas e que fazem parte dessa geração de feministas, um interesse maior por leituras que se aproximassem do marxismo e do pensamento de esquerda, e a preferência por Juliet Mitchell e Alexandra Kolontai[7], - são exemplos dessa tendência que se justifica pelo próprio contexto repressivo dos países durante os anos de 1960 e 70. Por exemplo, Eleonora Menicucci de Oliveira[8], feminista brasileira, narra que em sua formação marxista leu Alexandra Kolontai e Juliet Mitchell. No Brasil, a vertente marxista/socialista teve grande recepção entre as feministas, ao combater o ideário patriarcal da família e ao lutar pela emancipação econômica das mulheres[9]. Segundo Maria Lygia Quartin de Moraes (2000, p. 89-97):

As feministas marxistas brasileiras incluíam em sua bibliografia obrigatória autores como Marx, Engels, Alexandra Kolontai, Simone de Beauvoir e Juliet Mitchell. As preferências literárias das feministas revelam a preocupação com certas questões centrais para as quais o marxismo fornecia um modelo

explicativo. Urgia enfrentar o discurso conservador que preconizava a conformidade da mulher com seu destino de mãe e esposa.

Nessas circunstâncias, segundo Manguel (1997, p. 35), “os leitores não podem deixar de ser subversivos”, uma vez que os regimes totalitários exigem uma alienação da população no que concerne a politização da cultura e da vida intelectual.

Em outra entrevista, Alejandra Ciriza[10], feminista argentina, narra as leituras que foram importantes para sua formação, como por exemplo, Margareth Randall, Simone de Beauvoir, e Alexandra Kolontai. Com a proposta de levantar questões sobre o feminismo em meio à célula de esquerda na qual militava, a entrevistada narra que passou a levar textos de Alexandra Kolontai às reuniões, para que o feminismo socialista fosse debatido conjuntamente a outras leituras do grupo, como os textos de Engels. Através de sua narrativa podemos perceber não somente quais eram as leituras, mas também alguns exemplos de como se davam a circulação dos textos, e inseridos em quais contextos. Bem como, perceber o diálogo teórico entre os diferentes movimentos sociais que buscavam modificar a sociedade tanto nos aspectos políticos e econômicos quanto nas questões sócio-culturais naquela época.

Os momentos políticos vivenciados pelas feministas entrevistadas, bem como suas experiências individuais e coletivas nos movimentos sociais, nos apontam as orientações históricas que estavam influenciando essas leitoras na produção de sentidos que extraíram dos textos. Um exemplo disso é a narrativa da feminista brasileira Suely Gomes da Costa - professora da Universidade Federal Fluminense – que leu *O Segundo Sexo*, em português no ano de 1962, durante sua época de faculdade por sugestão de um professor afirma que não foi a leitura de maior impacto naquele momento, justificando: “Foi uma coisa muito cerebral. (...) Eu era militante de esquerda, representante de Diretório Acadêmico, fazia política universitária, então eu não tive nada do que o feminismo pintou em mim com essa leitura”[11].

Voltando às memórias de Mirta. Após sua identificação com o feminismo através do texto de Juliet Mitchell, ela narra que começou a problematizar o tratamento desigual dado às mulheres no cotidiano e também a própria teoria marxista a respeito das mulheres. Mirta se percebeu como uma das mulheres

problematizadas pela autora inglesa, diferente de algumas feministas, que num primeiro momento sentiram as desigualdades entre homens e mulheres, mas não como um problema delas, senão das “outras”. Simone de Beauvoir, na década de 1950, por exemplo, acreditava ter escrito sobre uma situação que não era a sua, mas a de outras mulheres; não se sentia uma “oprimida” em relação aos homens. Já na década de 1970, logo, após o debate gerado pela publicação de *O Segundo Sexo*, confirma que sofreu com a opressão masculina, e que o contato com o movimento feminista “radicalizou” muitos de seus pontos de vista.

Mirta reuniu então as amigas, “mulheres da esquerda”, para conversarem sobre feminismo, e como resultado disso pensaram em fundar uma editora feminista. Acreditavam que na Argentina daquele momento não havia nada nesse sentido, mas havia a UFA – Unión Feminista Argentina – da qual tomaram conhecimento dias depois através de um editorial de um jornal de centro-esquerda. No editorial havia uma nota com o número de telefone, e foi assim que Mirta entrou em contato com o grupo. A UFA nesse momento – início dos anos 1970 -, segundo ela, já estava estabelecida, tinha líderes, uma sede e uma “linda” biblioteca[12].

Mirta narra que o grupo feminista socialista do qual fazia parte, denominado *Nueva Mujer*, tinha por objetivo tornar-se uma editora feminista, ou em suas palavras, “Queríamos ser a editora do movimento feminista”. Segundo conta, esse grupo conseguiu editar o texto de Juliet Mitchell e um folheto de um sociólogo chileno intitulado “Mitologia da feminilidade”. Aqui percebemos a preocupação de Mirta em relação à circulação de textos feministas no cenário argentino, uma vez que para ela as feministas argentinas daquele momento eram em sua maioria da classe média oriundas da esquerda, mas que não tinham bibliografia. Outro motivo seria que na Argentina de meados da década de 1970 as mulheres estavam muito “trancadas” em relação a publicação de textos, o que se justificaria pelo período repressivo da ditadura. Conforme narra, “(...) somente as publicações estrangeiras chegavam”, porque muitos jornais foram controlados, editoras fechadas e livros queimados pelo regime militar.

Ainda sobre a circulação de textos, Mirta fala de seus contatos com pessoas e bibliografias de outros países. Conta que teve acesso a algumas produções e com alguns grupos de mulheres quando veio ao Brasil em 1974, embora não tenha tido contato com os periódicos feministas como *Nós Mulheres* e *Brasil Mulher*, publicações de referência durante a “Segunda Onda” do feminismo no Brasil[13]. Quando questionada sobre os periódicos feministas estrangeiros, Mirta lembra de uma revista mexicana acadêmica que durou mais de dez anos e que era para ela um modelo “excelente”.

Entre as trocas de experiências e leituras, Mirta narra ainda que ela e outras feministas de seu grupo se reuniram com italianas e norte-americanas que estiveram na Argentina por aqueles anos de regime militar. Segundo ela, o interesse com esse “intercâmbio de conhecimentos” se dava pelo desejo que tinham de formar uma revista feminista. Mas não foi só. Ela lembra que uma norte-

americana Ihes ensinou um pouco sobre como fazer “grupos de consciência”. Esses grupos funcionavam da seguinte forma: eram reuniões informais realizadas em geral na casa de uma das participantes. Os grupos eram pequenos e as conversas giravam em torno dos relatos de suas experiências nas diferentes etapas da vida como, infância, virgindade, aborto, casamento, etc[14]. Muito provavelmente ocorriam também nessas reuniões a troca de informações e leituras sobre os debates feministas que corriam o mundo.

É falando do contato com as norte-americanas que Mirta cita entre suas leituras daquele momento a *Mística Feminina*, de Betty Friedan, embora não discorra sobre os sentidos que na época ela atribuiu a esta leitura. Ainda questionada sobre as leituras, diz que não foi influenciada pelo *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. Segundo Mirta, esta foi uma leitura anterior, e aqui entendo antes da década de 1970. Para ela, Beauvoir Ihe pareceu muito “sartreana”, entretanto destaca que a autora francesa “teve seu mérito”, principalmente quando já se identificava como feminista no início da década de 1970.

Na pesquisa para minha dissertação de mestrado sobre as ressonâncias das leituras de *O Segundo Sexo* para uma geração de feministas brasileiras percebi certa preocupação entre as entrevistadas de citar entre suas leituras o livro de Simone de Beauvoir, entre outros “clássicos” feministas. Ao identificar-se como feminista, procedia-se então à leitura de algumas autoras centrais para o envolvimento nos debates. Ler de forma fragmentada, integral, ou até mesmo obter e indicar informações mesmo que esparsas sobre as obras e suas autoras, era mostrar-se inserida em um círculo intelectual feminista que tinha suas leituras de base. Esta leitura se apresentava como uma senha de acesso ao que vinha sendo debatido nos movimentos feministas ao redor do mundo; um meio de legitimação. Nesse sentido, os depoimentos devem ser pensados como mecanismos de busca de legitimação por parte das entrevistadas para atingir o debate a que pretendem ascender (PECORA, 2001, p.13).

Seguindo com a narrativa de Mirta, ela nos conta que a leitura de Virgínia Woolf teria Ihes influenciado mais que os escritos de Simone de Beauvoir. Esta identificação com os escritos da autora inglesa, também foi evidenciada nas falas de outras feministas argentinas entrevistadas para o projeto. Nas narrativas de Adriana Boria[15] e Dora Barrancos[16], por exemplo, Virgínia Woolf aparece citada como uma das leituras importantes do momento em que elas se identificaram com o feminismo.

Marcela Narí (NARI, 2002, p. 53-72), pesquisadora argentina que analisou em um artigo a forma como Simone de Beauvoir era mencionada em algumas revistas argentinas na década de 50 e 60, afirmou que a polêmica que *O Segundo Sexo* gerou, quando publicado em espanhol na Argentina em 1954, pode ser definida como “uma trama um tanto difusa e sinuosa de um embate latente e esquivo” (NARI, 2002, p. 53). Entretanto, para a autora, na Argentina dos dias de hoje, parece que Simone de Beauvoir obscureceu Margareth Mead e Virgínia Woolf, mas não teria sido sempre assim. A memória de algumas das entrevistadas em relação ao “impacto” de *Um teto todo seu* indica que naquela época havia uma identificação maior com o texto da autora inglesa.

Narí trabalhou também com entrevistas, embora tenha dedicado um espaço menor em sua análise, fornecendo poucas informações sobre as leituras. Ao lerem *O Segundo Sexo*, na década de 1950 e 60, as argentinas entrevistadas pela pesquisadora afirmaram que o texto de Beauvoir Ihes despertou, nesse momento, a

subordinação feminina como um problema para “as outras” (NARI, 2002, p. 70), aspecto citado anteriormente. Para a maior parte delas a militância política era a causa primordial e a desigualdade de gênero seria desarticulada assim que a igualdade de classes fosse alcançada. Segundo Narí, a discriminação de gênero só foi percebida por essas mulheres depois de passarem por processos de ruptura com os grupos políticos ainda nos anos 1970, quando então muitas delas se tornaram feministas e leram o livro de Beauvoir. Entretanto, para Sara Torres, feminista argentina, a leitura de *O Segundo Sexo* aos dezenove anos foi fundamental ainda no final da década de 1950. Para ela, “foi como uma ferramenta para olhar a realidade de um outro ângulo e me dar conta dos papéis definidos, as injustiças dos papéis (...)”[17].

Marcela Narí defende ainda a idéia de uma leitura privada do livro de Simone de Beauvoir, concluindo que não há relatos de leituras coletivas de *O Segundo Sexo* nos grupos de conscientização feministas argentinos. Entretanto, podemos supor alguma leitura coletiva desse ao nos depararmos com a fala de Sara Torres. A feminista narrou a dificuldade que era no período em que fez parte da UFA de conseguir um livro, traduzi-lo, datilografá-lo, copiá-lo através do mimeógrafo, para posteriormente distribuí-lo as demais. Talvez tenha sido essa dificuldade apresentada por Sara Torres que tenha feito Mirta narrar em diferentes pontos de sua entrevista o desejo na época por uma editora feminista em que textos pudessem ser publicados e, principalmente, circulassem no território argentino divulgando as reflexões do movimento.

Um exemplo nacional de leitura coletiva de *O Segundo Sexo* pode ser tomada pela experiência narrada por Maria Amélia Schmidt Dickie[18], feminista brasileira. Em uma entrevista ela lembra que sua segunda leitura do livro foi junto a um grupo de mulheres, e que na ocasião fizeram uma discussão do texto em que dialogavam a teoria com as experiências práticas. Contudo, destaca que sua primeira leitura individual foi uma leitura difícil e fragmentada, pois lhe despertava reflexões dolorosas.

Vemos que se por um lado temos narrativas em que podemos destacar a força dos contextos políticos como que direcionando as memórias sobre as leituras, por outro, temos entrevistadas que narram também suas experiências individuais deste mesmo momento, dando ênfase aos aspectos pessoais de suas trajetórias, que atuam igualmente sobre as leituras. Não há nada neste caso que possa ser colocado fora da questão subjetiva, ou analisado apenas sobre o prisma por vezes generalizante da coletividade. As subjetividades, sempre mutáveis, são produzidas

pelo entrelaçamento de um universo interior e exterior (ROLNIK, 1997, p. 19). É preciso estarmos atentas(os) a preponderante fração de sentimentos encobertos existentes nas situações de leitura.

Retomando a narrativa central, sem dizer em que momento precisamente, Mirta conta que rompeu com o grupo socialista *Nueva Mujer*, embora tenha continuado na UFA. A cisão com o grupo parece ter se dado pelo fato dela ter rompido com a idéia defendida pelos grupos de esquerda de que a emancipação das mulheres se daria com a implantação de uma sociedade socialista e o fim da luta de classes. Ou seja, para ela havia a necessidade de uma luta específica pelas causas das mulheres. Por muito tempo, muitas feministas sustentaram uma “dupla militância”: atuação nos grupos feministas e nos partidos políticos durante os períodos de ditadura militar, que com os anos foi se desarticulando e se direcionando para o projeto feminista[19]. Essa “crise” entre a militância partidária política e a militância feminista também foi vivenciada por muitas feministas no Brasil.[20]

Através do horizonte de possibilidades aberto pelas entrevistas sigo minha pesquisa analisando as ressonâncias que essas e outras leituras tiveram na formação tanto dessa “comunidade de leitoras” feministas quanto dos movimentos nesses países. Creio que a importância ao observarmos estes vestígios memorialísticos reside no fato de podermos refletir sobre a história dos feminismos, e de uma geração de feministas que tiveram uma participação social significativa em momentos políticos cruciais nas histórias de seus países, através daquelas que foram suas leituras.

Referências bibliográficas

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. *Crítica Marxista*, n.11, 2000.

NARI, Marcela María Alejandra. No se nasce feminista, se llega a serlo. Lecturas y recuerdos de Simone de Beauvoir em Argentina, 1950 y 1990. In: *MORA – Revista del Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. N° 8. Diciembre 2002. P. 59-72. (tradução livre)*

PECORA, Alcir. O campo das práticas de leitura, segundo Chartier. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 13.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (org.). *Cultura e Subjetividade: Saberes nômades*. Campinas, SP: Papirus, 1997. P. 19.

[1] Estou entendendo por “primeira onda” feminista aquela em que as principais reivindicações do feminismo estavam centradas nas questões referentes aos direitos políticos, e a “segunda onda” feminista como a surgida depois da Segunda Guerra Mundial, tendo como palavra de ordem: “o pessoal é político”.

[2] Brasil (1964-1985), Argentina (os golpes se deram em 1966 e 1976, e as redemocratizações em 1973 e 1983, respectivamente), Chile (1973-1988), Paraguai (1954-1989), Uruguai (1973-1985) e Bolívia (1964-1982, com interrupções no processo ditatorial).

[3] Esta pesquisa tem por objetivo investigar a maneira como os vários feminismos e movimentos de mulheres se constituíram no Cone Sul, no período de 1964 a 1989, observando a forma como as pessoas narram identificação com o feminismo, a maneira como se organizaram e atuaram, comparando com o que ocorreu no Brasil. Esta pesquisa conta ainda com a participação da Prof^a.Dr^a. Roselane Neckel, Cristina Scheibe Wolff, Marcos Fábio Freire Montysuma e de estudantes de iniciação-científica, mestrado e doutorado.

[4] As entrevistadas são em sua grande maioria mulheres que durante os anos 1960, 70 e 80 viviam sua juventude nas universidades e/ou militando em movimentos sociais ou partidos políticos, ou seja, agindo contra a ordem instaurada nos períodos de regime militar, iniciados nesses países durante os anos de 1960.

[5] HENAULT, Mirta. Buenos Aires/Argentina: 23 fev. 2007. Entrevista realizada por Ana Maria Veiga. Acervo do LEGH/UFSC.

[6] Este artigo, citado por algumas feministas, foi publicado em inglês e traduzido no Brasil pela *Revista Civilização Brasileira*. Ano III. Nº. 14. Julho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967. Bimestral.

[7] Alexandra Kolontai (1872-1953) foi uma escritora russa e teórica do marxismo que escreveu entre outras obras *A nova mulher e a moral sexual* publicado originalmente em 1918.

[8] MENICUCCI, Eleonora. Cárceres/MT: 14 out. 2004. Entrevista realizada por Joana Maria Pedro. Acervo do LEGH/UFSC.

[9] MORAES, Maria Lygia Quartim de. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. *Crítica Marxista*, n.11, p. 89-97, 2000.

[10] CIRIZA, Alejandra. Argentina: 27 out. 2006. Entrevista realizada por Cristina Scheibe Wolff. Acervo do LEGH/UFSC.

[11] COSTA, Suely Gomes da. Florianópolis: 17 fev. 2005. Entrevista realizada por Joana Maria Pedro. Acervo do LEGH/UFSC.

[12] No início dos anos 1970 foram criadas importantes associações feministas como, por exemplo, a Unión Feminista Argentina (UFA) em 1970; o Movimiento Feminista de Liberación Femenina (MLF) em 1972; o Movimiento Feminista Popular (Mofep); a Asociación para la Liberación de la Mujer Argentina (Alma) em 1974 e a Frente de Lucha por la Mujer (FLM) em 1975. Ver, a esse respeito, PEDRO, Joana Maria. O feminismo que veio do exílio: memórias de uma segunda onda no Brasil,

na Argentina e no Uruguai (1964-89). In: ROLAND, Denis; REIS Daniel Aarão (org.). *Modernidades alternativas*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008, p. 161.

[13] *Nós Mulheres* (1976-1978) e o *Brasil Mulher* (1975-1977). Além destes, outro periódico importante neste momento do feminismo no Brasil foi o jornal *Mulherio* (1981-1988). Sobre estes periódicos feministas, ver, LEITE, Rosalina da Santa Cruz. *Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 11 (1): 234-241, janeiro-junho/2003 e MORAES, Maria Lygia Quartim de. *A experiência feminista dos anos 70*. Araraquara: UNESP, 1990.

[14] Os “grupos de consciência” surgiram na experiência feminista norte-americana de meados da década de 1970. Muitas mulheres latino-americanas exiladas em países europeus e nos Estados Unidos encontraram e participaram desses grupos. Ver, a esse respeito, PEDRO, Joana Maria (2008,159-161).

[15] BORJA, Adriana. [s/local]: [s/d]. Entrevista realizada por Cristina Scheibe Wolf. Acervo do LEGH/UFSC.

[16] BARRANCOS, Dora. Argentina: [s/d]. Entrevista realizada por Roselane Neckel. Acervo do LEGH/UFSC.

[17] TORRES, Sara. [s/local]: [s/d]. Entrevista realizada por Ana Maria Veiga. Acervo do LEGH/UFSC.

[18] DICKIE, Amélia. Florianópolis: 11 ago. 2003. Entrevista realizada por Janine Petersen para sua dissertação de mestrado Formação de Grupos Feministas em Santa Catarina – Década de 1980 no Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

[19] Ver, a esse respeito, GRAMMATICO, Karin. *Las mujeres políticas y las feministas en los tempranos setenta: un diálogo (im)posible?* In: ANDÚJAR, Andrea; D’ANTONIO, Débora et ali (orgs.). *História, género y política en los 70*. Buenos Aires: Feminaria, 2005.

[20] Ver, a esse respeito, GOLDEBERG, Anette. *Tudo começou antes de 1975: idéias inspiradas pelo estudo da gestação de um feminismo “bom para o Brasil”*. In: *Relações de gênero X Relações de sexo*. Departamento de Sociologia. Pós-Graduação. Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero, 1989, P. 11, e ARAUJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 70*. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1998. [Tese de doutorado]. P. 160.